

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMENARIO MONARCHICO

DIRECTOR E EDITOR--J. G. Paes de Villas-boas

Redacção e administração--Rua D. Antonio Barroso, n.º 46

Propriedade--EMPRESA DE «O COMMERCIO DE BARCELLOS»

Composição e impressão--Rua D. Antonio Barroso, n.º 46

Sem garantias

N'esses tempos, a que hoje chamam da «ominosa Monarchia», eramos, como hoje, cidadãos portugueses.

Diziam-nos que possuíamos direitos civis e políticos inalienáveis, tão nos os, que até parte integrante faziam da nossa personalidade.

E, na verdade, a pratica quotidiana só vinha confirmar a existencia d'esses direitos, que as auctoridades publicas nos garantiam, e que as leis nos reconheciam sob a forma de «originaes».

Assim vivemos confiados em que os nossos direitos existiam independentemente da forma politica por que se regessa a Nação, confiados em que sempre seriam respeitados, fosse qual fosse o paiz em que nos encontrassemos.

A' sombra d'esses direitos traçamos a nossa esphera d'ação, a sombra d'elles construimos o material do nosso trabalho, a sombra d'elles nos lançamos com segurança e firmeza, n'essa lucta d'esforços que é a vida.

Vivíamos assim, nós e toda a gente, sem distincção de raças ou de crenças, sem distincção de partidos ou de ideias politicas. Hoje não é assim.

Em Portugal, sob um regimen que se apregoa democratico, e que, por palavras mil, pretende um logar de destaque nas mais avançadas libras do progresso, nós, cidadãos livres, vemo-nos despojados d'esses direitos.

Excepção unica, como que uma medida de defeza contra perturbador elemento criminoso, o regimen actual decretou a abolição pura e simples de todos os nossos direitos, de todas as nossas garantias.

Ser monarchico, hoje, n'este paiz da Europa, é estar sujeito a tudo, a tudo.

A nossa propriedade pôde ser violada, pôde se destruída, que as auctoridades, ainda que prevenidas do attentado, a elle assistirão tranqullas. E se, affirmados á velha ideia da nossa qualidade de livres, nos dirigimos aos representantes do governo, elles responder-nos-hão que não está na sua mão, que não tem força para impedir o esbulho dos nossos legítimos direitos.

Depois, passado o attentado, consumado o esbulho,

—não se encontrarão culpados, não haverá maneira de apurar os enxovalhadores, ainda que as objectivas fotograficas, na sua sinceridade incorruptivel, tenham registado as suas figuras.

Mas se assim vivemos, apoiados em taes garantias quanto ao nosso legitimo direito de propriedade, o mesmo acontece estando em risco a nossa vida.

Então o representante do governo, o proprio governo, dir-nos-ha — «que isso é commosco, que elle nada poderá fazer para garantir-nos.»

E' esta a situação de todos os que em Portugal, paiz livre, paiz democratico, situado na Europa, ou sam, em pleno seculo XX, têm a hombridade de affirmar as suas ideias, ideias todas de ordem, ideias todas de paz, ideias em que a demagogia é tratada como inimigo de consequências perigosas.

E' esta a situação dos que, no meio do espectáculo vergonhoso das adhesões, mantiveram firmes as suas crenças e a sua fidelidade ao Rei.

Foi n'ella que se acharam os jornalistas monarchicos da capital e é sob tal ameaça que nós ainda vamos vivendo.

O criterio governamental, sobre o assumpto, está definido. Mas se o não estivesse, se fossem precisas mais provas de que ao governo é indispensavel o silencio da opposição, o caso do «Povo d'Aveiro», suprimido por ordem superior, viria desfazer alguma sombra de duvida, que por ventura restasse, mostrando, para que nada faltasse, um governador civil demittido porque entendeu dever garantir a vida de um cidadão, que, fosse qual fosse a sua attitudé, não podia estar a mercê de um attentado criminoso.

Infelizmente, todos sabem com vivemos. Na imprensa, tal qual expazemos, nos estreitos limites em que nos é permitido escrever. Na vida particular, em identica situação, sob eguaes perigos também.

—A lei d'imprensa, com a sua liberticida e elastica doutrina, impede-nos todos os meios de critica.

Os jornaes de opposição foram suprimidos pelo governo.

E' nos pois vedado o exa-

me e critica do que «vae lá por cima», como é costume dizer-se.

Pois bem. Já que nos crearam uma situação especial, ao menos podemos apontal-os.

Fazemos apenas um relato da maneira como vivemos, sem pormenores e minudencias.

Traçamos o quadro a traços largos. Isto não podem prohibir-nos.

Não sabemos se faz bem ou mal á Republica a divulgação d'estes factos.

Bem ou mal, a responsabilidade não é nossa. E' do governo. Porque nós apenas reproduzimos.

O auctor do quadro original é o governo. Nós só relatamos as suas providencias.

E essas, devemos crel o, foram ditadas... «a bem da Republica».

NOTAS

Acabou? Não acabou?

O sr. ministro dos estrangeiros, n'um dos seus discursos explicativos, em presença dos jornalistas estrangeiros, declarou que a carbonaria estava dissolvida, sendo falso o boato de que ella pretendia intervir, ou mesmo intervinha no governo.

A seguir o mesmo sr. ministro, no mesmo discurso, diz que a tal carbonaria reaparecerá sempre que seja preciso defender a Republica. E, para finalizar, o mesmíssimo sr. Bernardino Machado, n'um discurso de propaganda em Cascaes, volta, passados dias, a fallar na carbonaria como sociedade em existencia activa.

Então acabou? Não acabou. Resuscitou?

Primorosa linguagem

Uma folha local, com pretensões a discipula querida do saudoso Felix Pereira, dirige-se a El-Rei na forma mais grosseira que pôde conceber-se.

Felix Pereira muito lido, talvez. — vá o *talves* — mas, com certeza, muito mal digerido.

Que furia!

O «Radical», pede inergicas providencias ao sr. administrador, no sentido de impedir rigorosamente a divulgação do manifesto do rev. Luiz Cabral, talentoso director do collegio de Campolide.

Faz muito bem o collega, se n'isso tem prazer. Mas, por esse caminho, é capaz de pedir providencias contra a imprensa estrangeira.

Peça providencias, e, se não fizerem caso... mande *empastellar* a imprensa mundial.

Safa! Que furias!

Estrangeiros

A imprensa estrangeira não parece disposta a corresponder á côrte do sr. ministro dos estrangeiros. Pelo contrario, parece cada vez mais esquiva, a julgar pelos trechos que aqui e alli conseguimos ler, em que ha de tudo, desde o «Tempo» chamando incompetentes aos membros do governo, até ao «Economista» que aconselha peritos estrangeiros ao sr. Relvas.

Isto é o que vimos, porque ha também o que não vimos, que, a julgar pelas apreciações da imprensa governamental, não deve ser muito agradavel como muito agradavel e doce parece que não seria aquella pagina interior dos jornaes ingleses que um dia não conseguiram entrar em Lisboa.

E já que fallamos em imprensa, vem a talho de foice a noticia que os jornaes republicanos nos deram de que a Argentina addiu a negociação do tratado com Portugal para depois de resolvida a crise actual.

Como unico commentario, cá da casa, damos a noticia de que o artigo, ultimamente querellado, do «Correio da Manhã», apenas aconselhava, nos termos mais ordeiros e commedidos, o governo a evitar os factos de que podesse resultar desprestigio perante a opinião estrangeira.

Pela Religião

A capella da Universidade foi transformada em museu. Para atenuar a pessima impressão produzida nos catholicos por uma tal medida, a imprensa republicana vem carregar a nota de que foram respeitados os vencimentos do antigo pessoal ecclesiastico.

Não ha duvida. Respeitaram-lhes os direitos quanto a vencimentos. Mas não respeitaram o sagrado ministerio a que se consagravam.

O rev. Chantre e capellães devem estar satisfeitos, sobretudo quanto tiverem de mostrar o museu a visitantes que entrarão de cabeça coberta, fazendo em voz alta os commentarios que lhes aprouver.

Como hão-de agradecer o religioso zelo do reformador!

Onde estamos

O noso collega local a «Folha da Manhã» pergunta se estamos na Republica ou no tempo de D. Miguel.

A «Era», toda alvoraçada, grita: «Na Republica, na republica, collega, e com todas as liberdades que não sejam abasos licenciosos e irritantes».

Quanto a liberdades... a de transportar as fronteiras e não sabemos até quando.

Quanto a desbragamentos, basta ler o «Mundo» e a «Era», sua representante n'esta terra.

Mas o collega da «Folha» não sabe onde estamos? Pois é facil: estamos na Republica Portuguesa.

Propaganda republicana

Segundo vemos, os republicanos saem em missão de propaganda, acompanhados por varios civicos e pelo proprio representante da auctoridade.

Desejamos saber se o fim é eleitoral porque, estando proclamada a Republica e, portanto, a liberdade d'ideias, nós queremos também expor ao povo o nosso programma, queremos rebater as accusações que nos fazem, coartando-nos os mais rudimentares direitos de defeza.

Era bom que nos esclarecessem sobre este ponto, bem como sobre esse mistifordio de propagandas agricolas em que se falla da Republica e republicanas em que se falla de agricultura.

Se também podemos ir fazer comícios, como os republicanos faziam nos *ominosos* tempos; desde já declaramos que vamos sosinhos, sem companheiros nem civicos, e que jámais usaremos d'esses meios e processos que sempre foram apanagio dos propagandistas dos comícios revolucionarios-republicanos.

E também declaramos que não diremos ao povo: «Querdes egrejas grandes? Pois fazendo-las á vossa custa».

Relatando

O sr. ministro da guerra prohibiu os capellães militares de exercerem nos quartéis as suas funções sacerdotaes, a não ser quando expressamente requisitados, bem como de fazerem alloções ou predicas aos soldados, visto que o Estado é neutro em materia religiosa e o sr. ministro da guerra se orgulha—phrase de sua ex.^a—de ter feito no exercito a separação da Igreja do estado, ainda antes de decretada.

Assim respondeu o chefe do exercito da Republica á associação do registo civil que perante sua ex.^a foi queixar-se de que era permittida a missa no collegio militar aos alumnos, cujas familias assim o tivessem determinado.

A associação protestou, dizendo que o luxo ou pasatempo da missa podia ser gosado pelos alumnos nas ferias.

Relatamos sem commentarios.

Provisorio

A proposito dos batalhões de voluntarios fallava, ha dias, o «Diario de Noticias», em bandas-provisorias.

Até as bandas!? Tudo provisorio...

Na omissa

O «Diario de Noticias», relatando casos da greve dos gazomistas, noticia umas coronhadas distribuidas pela guarda republicana.

Julgamo-nos na *ominosa*, mas a data do jornal mostrou-nos que as coronhadas foram vibradas sob os dominios da *luminosa*, pois, o caso passou-se a 14 do corrente mez.

Que será isto?

O governo fez publicar uma nota officiosa, annunciando que ia ser advertida a «Illustração Portuguesa» no sentido de evitar a publicação de artigos sobre bombas e anarchistas.

E' muito interessante o caso.

Primeiro: por sahir a prohibição depois de quasi tudo publicado.

Segundo: pelas similhanças que tem com aquelle celebre caso da permissão de telegrammas para o estrangeiro, expedidos por jornalistas—sem observação alguma—, dias depois de ser prohibido expressamente o contrario.

Quo será isto?

Para traz

Os republicanos, á falta de outros meios, depois de esgotada sem resultado a intriga de devião dos monarchicos, divisão que não existe, nem existirá, contentam-se em dizer que «isto para traz não volta».

Já aqui publicamos alguma cousa sobre o assumpto. Hoje voltamos porque um bello artigo, sobre regionalismo, publicado no «Barcellos-Revista» veio, mais uma vez, pôr-nos, deante dos olhos, o quadro das nações de mais adelantada e descentralisadora administração. Pois senhores, a Noruega, a Inglaterra e a Hespanha estavam ainda alem da França, apesar dos incomparaveis esforços da Provença. E um jornal, que no presente não recordamos, publicava, ainda ha poucos dias, uma trepa medonha no centralismo francez.

GARTA DO PORTO

Meu caro director

Não sei se esta carta chegará a tempo de ser publicada no numero de domingo, mas o mau estado da minha saúde não me permittiu escrever-lhe mais cedo. Venho hoje pregar, a ti e aos leitores do «Commercio», mais uma maçada, expondo as minhas ideias sobre uma instituição que já não existe, mas que as circunstancias tem mostrado e hão-de mostrar cada vez melhor, ser indispensavel. Refiro-me á «censura prévia na imprensa».

Estou d'aqui a vêr os teus leitores a descerrarem os la-bios n'um sorriso trocista ao lêr a minha estrambolica ideia de regresso aos antigos tempos do lapis azul, ainda hoje tão empregado por alguns ferozes directores de semanarios provincianos... Mas se tiverem paciencia de lêr esta carta até ao fim, talvez se convençam da necessidade extrema e inadiavel da censura prévia na imprensa, executada, é claro, por homens intelligentes, cultos, independentes e, sobretudo, sensatos.

Vamos ao caso. Todos nós estamos de accordo em que

a nossa imprensa, é atrazada, maçadora e perigosa. Da leitura, de fio a pavio, d'um jornal de oito paginas, não se apura nada, absolutamente nada, que nos possa guiar na vida, que nos sirva de exemplo a seguir, que nos distraia, ou que nos cultive a intelligencia.

O jornalismo português actual, salvo rarissimas excepções, só produz chamariizes da curiosidade dos seus leitores, os quaes, faltos de estudo, de raciocinio e de gosto, procuram, sempre em primeiro lugar, e muitas vezes em unico, as noticias de crimes horroreos em que haja muita navalha, muito vitriolo, e sempre muita falta de sentimentos; as noticias de roubos, mais ou menos habilmente, feitos e descritos com todas as minucias; e os folhetins em que a adulterio varios se succedam crimes repugnantes. E porque é que o actual jornalista portuguez só isto produz? Porque hoje, em Portugal, o jornalismo está transformado n'um ramo de commercio em que os preços não sóbem, mas em que os géneros impingidos são cada vez mais avariados.

Se, n'este infeliz paiz, houvesse um grupo de homens que, desprezando, por completo, os interesses pecunia-rios, puzesse, acima de tudo a educação do espirito, o jornalismo actual, ao cabo de algum tempo, morreria; ninguém leria esses papeis que com o título de «jornal», «semanario», «revista» ou «magazine», fornecem, a todos os instantes, materiaes de dissolução da sociedade, deseducando os seus leitores, incitando-os ao crime, á descrença e lançando tudo isto n'um putrido lodacal. Se osse jornal, o unico digno deste, outrora glorioso, nome, recusasse a entrada nas suas columnas as noticias, que, excitando a curiosidade doentia dos seus leitores, o embrutecem e desgraçam, ao cabo d'algum tempo, outros jornaes appareceriam a imitá-lo ou a querer imital-o; mas nenhum chegaria a ter, como elle, milhões de leitores, enquanto não puzesse de parte, por completo, os actuaes processos de jornalismo.

Esse grandioso elemento de ordem e de sanidade deveria publicar artigos, plebiscitos, concursos sobre as mais interessantes questões de religião, de arte, de litteratura, de theatro, economicas e sociaes, de militarismo, de sport, etc. todas tendentes ao cultivo da intelligencia; á formação sã de caracteres; ao desenvolvimento das faculdades, pelas discussões sensatas e métramente scientificas, pelas livres criticas, sem admittir confusões de nenhuma especie, isto é, não tratar de galhos quando se fallar de bagalhos, como vulgarmente se diz; deveria publicar plebiscitos, para, no final duma di'cussão, vêr qual das opiniões emitidas tivera mais poder para convencer os leitores; deveria abrir concursos de peças theatraes e publicar d'entre essas, só as que a isso tivessem direito, ou pela elegancia do verso, ou pelo seu valor historico, ou pelo exemplo moral, e todas pela sua contextura verdadeiramente theatral.

Enfim, deveria ser um alimento poderoso da intelligencia, distraindo-a e fortalecendo-a.

Mas, tudo isto é um sonho em Portugal; porque o portueguez valente, se a coisa promette, vai; se não promette, encolhe-se e deixa aos outros o cuidado da obra. E como isto assum é, lancemos as nossas vistas para o que

ahi está; é n'esta altura que entra em scena a censura prévia que, desde a primeira linha d'esta carta, tem estado entre bastidores.

Façam favor de me dizer se a prohibição absoluta de se publicar na imprensa jornalística as noticias de suicidios, assassinatos, roubos, enfim, mil formas de degradação moral, não é o unico remédio de effeito immediato para evitar o augmento assustador e constante d'essas desgraças? Berra-se a todos os cantos por causa desse alastrar horrivel do crime. Todos berram e apertam as mãos na cabeça; mas todos gostam de lêr as noticias pormenorizadas de ses crimes, a que quasi todos os jornaes dedicam uma secção especial; e assim com o nome de «Casos da rua», «De Lisboa», «Atravez do Porto» e outros, ensinam ao leitor, menos sensato ou mais necessitado, a maneira mais certa de boa execução, de dar um «golpe», de fugir da cadeia, de atacar de noite os transeuntes, ou de pôr termo á propria existencia. N'este caso, é ou não absolutamente indispensavel a censura prévia que corte todas as noticias que possam vir augmentar as já formadas ideias de crime, ou suggerir outras novas?

Todos julgam a diffamação como um crime para o qual todo o rigor da lei é pequeno; contudo os que mais beravam contra a diffamação, justa ou não justa, exercida por Homem Christo, todos se regalavam de lêr nos «Dizes» a diffamação mais injusta, mais reles e mais mesquinha que se possa conceber, pois pretendia atingir, por vezes, a pureza de sentimentos d'uma superior Senhora, a que o nosso povo se acosturára a venerar. E o jornal que assim insulta tão respeitavel Senhora, dizia-se e diz-se amigo do povo, esse mesmo povo que deve a educação dos seus filhos, a sua saúde e os seus poucos momentos de felicidade á mesma Senhora.

Em casos como este, é ou não, indispensavel a censura prévia, fazendo dar o seu a seu dono, mostrando a esse mesmo povo a colossal obra dessa Senhora, attestada pelas innumeradas instituições de caridade que, a cada instante, se encontram, não só em Lisboa como em todo o continente, ilhas e colonias?

To-la a gente se queixa de que hoje não ha respeito pela auctoridade constituida; mas os que mais se queixam, são os primeiros a comprar e a lêr, de ponta a ponta, esses jornaes que, durante annos, protegidos pela criminosa tolerancia de governos pseudo-monarchicos, incitavam o povo ao desrespeito dos «macacos», alcunha que pozeram aos policiaes de Lisboa e Porto.

Ainda, mais uma vez: em casos como este, é ou não indispensavel a censura prévia?

Como veem, a censura prévia que eu tentei provar ser indispensavel, é a censura prévia sobre casos que levam a nossa sociedade a um cahos onde desaparece rá. A censura prévia, tal como era feita no tempo do lapis azul, não serve. Todas as opiniões se devem deixar expôr a desenvolver; as que apresentarem maior numero de factos a comprova-las serão, necessariamente, as melhores; da discussão nasce a luz, sempre ouvi dizer, como monarchico e catholico não me incommoda que um republicano e um anti-catholico me ataquem (com lealdade, é claro) nas minhas crenças; eu lhes responderei o que souber e o publico, ou

as nos os proprios consciencias são as melhores juizas e deo a parte a quem eu a dizes. Não devemos tapar a discussão, desde que tenha nos deitos firmes; mas não devemos consentir que no meio d'uma discussão, se mettam referencias estranhas e, muito menos, pessoas.

Portanto, enquanto não apparece, o tal jornal ideal, vamos pedindo a censura prévia para os casos dissolventes da sociedade. Não se deixe publicar, em nenhum jornal, noticias de crimes, nem de desgraças, nem se consinta a diffamação gratuita; e dentro de poucos annos o numero médio de crimes terá diminuido e a sociedade portuguezsa não será um mar de lama.

Tony.

Por nossa conta

Ainda não ha muito tempo decorrido desde que o governo da Republica fez publicar uma nota em que eram considerados grandes perturbadores da ordem «os propaladores de boatos tendenciosos de pretendidas divergencias no campo republicano».

Ai de quem se atrevesse a dizer que, segundo as apparencias, a divergencia entre o sr. Alfonso Costa e o sr. Antonio José d'Almeida existia, e que os factos cada dia se encarregariam de demonstrar a realidade de tal antagonismo.

Pois agora, bem pouco tempo passado, a imprensa republicana vem, com uma incontestavel auctoridade, por tudo descoberto, fazendo vêr a todos, inclusivé aos cégos, que a tal nota officiosa não era mais do que o producto de essa irritação de nervos, que acomete todo o mortal que vê divulgado aquillo que, para assuas conveniencias, impôrta que fique secreto.

O «Mundo», todos sabem, passa por ser o orgão do sr. ministro da justiça, como tal tem sido trata-lo, e nunca as suas columnas protestaram contra o tratamento. E n'um jornal estrangeiro vimos um dia, em oito ou dez d'outubro, que o sr. Alfonso Costa até na redacção do «Mundo» escrevia decretos.

A «Republica», ella o diz, é o jornal do sr. Antonio José d'Almeida, ministro do interior.

Postos estes factos, oiçam os leitores o seguinte:

O sr. Antonio José d'Almeida fez a nomeação de dois juizes para o Supremo Tribunal Administrativo.

Antes de lavrado o decreto, logo que ao «Mundo» contou que n'eram os nomeados, immediatamente veio dizer aos seus leitores que o sr. ministro do interior não se atreveria a irritar a opinião democratica, nomeando para os referido logares dois monarchicos.

Em resposta a isto, o sr. Antonio José d'Almeida fez publicar o decreto, ao mesmo tempo que a «Republica» fallava de «complot», que não temia, de guerra, que esperava firme e outras coisas no genero.

—Pensavamos tocar n'este assumpto em duas breves linhas, tão sobejamente conhecido elle é.

Mas sentimos tão apertada a mordaca da celebre nota officiosa que hoje não resistimos a manifestar o nosso publico agradecimento ao «Mundo» e á «Republica» por terem posto a questão a descoberto, tirando-nos assim a mordaca.

A imprensa e o partido republicano são, no fundo, nossos verdadeiros amigos. Pois se ate parece que trabalham por nossa conta!

Já que não podemos dizer as verdades, elles podem-no fazer de vez em quando.

Razão tinha o outro: «Portugal» é um paiz muito alegre.

Oh! se é!

A "Era Nova"

Talvez descabidamente sob esta epigraphe, devemos uma explicação aos nossos leitores.

O nosso jornal, um dos pouquissimos priodicos monarchicos a que a mordaca ainda não asphyxiou de todo, tem por dever primeiro a defeza dos seus principios politicos e das suas crenças.

E dada a situação da imprensa monarchica no momento actual o «Commercio» não pode occupar demasiado espaço com questões de caracter puramente local.

Com a dissolução da Meza da Misericordia alargou-se mais, porque o caso revestia o aspecto inconfundivel de uma perseguição anti-monarchica, ao mesmo tempo que revelava, da parte do partido republicano, a repetição aggravada das praticas mais mesquinhas da mais estreita politiquice de vinganças, odios e más vontades.

Dadas estas explicações aos nossos leitores, e principalmente aos estranhos a Barcellos, vamos á «Era».

—Volta o collega a usar de uma linguagem, incompativel com quem sempre discutiu «com seriedade e pondunor, com respeito pelo proprio mister que exerce».

Não sabemos discutir assim.

«Quem dá o que tem, não é a mais obrigado», diz o nosso bom povo. Por isso não estranhámos.

«N'este meio pequeno, louvado Deus, todos nos conhecemos.» apezar de que não se trata de conhecimentos ou desconhecimentos das pessoas, que discutem, trata-se de argumentos, e de os rebater.

E' preciso ter muito pouca... serenidade para poder affirmar que tudo esclareceu.

O assumpto está liquidado. E o collega tambem, mas só no assumpto, entenda-se, porque os nossos maus fignados só se curam pela desopilante gargalhada e já vê que precisamos do collega...

E tanto precisamos que, apezar de liquidado o assumpto, e de o collega, muito furioso, ter posto ponto, teimamos em não o perder.

Ora faça favor de nos dizer se é ou não verdade o sr. dr. Lima ter approvado o plano d'obras que o collega acha pessimo sob todos os pontos de vista. Pode dizer?

E a respeito da carta do magnate republicano ao sr. Leal convidando-o para a commissão?

E a maneira como dirigia a escripturaçã o actual vicepresidente da commissão no tempo em que era secretario?

E, para fechar, todos os membros da actual commissão estão identificados com a tal moderna orientação? ou melhor—são todos republicanos?

Note-se, para evitar a intriguinha, que não queremos melindrar qualquer membro da commissão. Apenas queremos saber se lá haverá algum que tenha sympathias cá pela thalassaria.

Assim, aos bocadinhos, pode ser que o collega venha ao bom caminho.

—A respeito da «estocada

mortal» não devia extranhar a nossa resposta.

A coherencia é a nossa norma, e o collega não vê a receita pela primeira vez.

—Quanto ao tal fr. Ignacio, coitado, não maçava a humanidade, reduzido ás poucas horas de palco. Peiores, muito peiores, collega, são os de outra especie—os que se creem inapreciaveis talentos, inegalaveis oradores, incomparaveis jornalistas, insuperaveis poetas, etc. e com o taes, querem impingir-se á força. Esses sim, que são perigosos, e as consequencias bem se teem sentido n'este paiz.

São perigosos e, o que é mais, andam á solta.

NOTICIARIO

Antonio Lopes Leal

Esteve ha dias n'esta villa, este nosso presado amigo e benemerito ex-mesario da Santa Casa da Misericordia, que aqui veio, como tinha prometido aos seus collegas da Mesa dissolvida, que em sua casa da Pousa o cumprimentaram no dia em que os delegados do governo da Republica tomaram posse da gerencia da Misericordia, despedir-se d'elles e do pessoal e doentes do hospital e asylados.

O nosso amigo que, com a hombridade e correccão propria dos caracteres saos, acompanhou os seus companheiros da Mesa acintosamente expulsa, adherindo ás deliberações pelos mesmos tomadas perante a dissolução, e despresando, assim, certamente com engulhos, os convites perfidos de quem, confundido-o consigo, o julgava capaz de uma acção menos correcta, accetando um logar na commissão que ia substituir a Mesa eleita pelos irmãos, só agora pôde cumprir esta gentileza a que elle, sempre primoroso com todos, chamava um dever.

Não pôde s. ex.ª cumprir tanto todos os seus collegas, por falta de tempo. Com alguns esteve, que penhoradamente lhe agradeceram a obsequente deferencia. Na Santa Casa foi o nosso amigo acompanhado pelos srs. Presidente e vice-Presidente da commissão administradora e pelo clinico do hospital sr. dr. Fonseca.

O sr. Leal, que, á santa instituição votava intenso affecto, como o de mostrou eloquentemente com os valiosos donativos que deu e conseguiu para as obras da reconstrução no edificio hospitalar, quiz, como nunca se esquecia quando aqui vinha, visitar os doentes do hospital e velhos do Asylo de Invalidos, e agora despedir-se d'elles, que tanto devem ao seu coração generoso, e dirigir lhes palavras de conforto e carinho, como sempre fazia quando percorria as enfermarias, inquirindo do estado dos pobres em tratamento e interessando-se devotamente por todos os que a Misericordia alli acolhia.

Algumas vezes seguimos o benemerito mesario n'estas visitas e notavamos que era, sempre com visivel satisfação e commovidamente, que os doentes viam o seu bondoso protector e desvelado amigo, agora afastado d'elles, por uma violencia que não tem justificação e deveria pesar, sempre, na consciencia do seu auctor, escaldando-a, se fosse um barcellense quem a propoz ao chefe do districto. Ainda bem que não foi.

O sr. Leal foi recebido na Santa Casa, com a consideração devida a um grande

benemerito da Misericordia.

Ainda bem, que estamos em tempo em que nem isto seria de esperar.

Saudamos ainda mais uma vez, o prestantissimo ex-mesario e nosso estimavel amigo, a quem e á digna Mesa de que fazia parte, não falta, temos a absoluta certeza, a sympathia e o applauso dos homens de bem da nossa terra.

Outro conspirador

Pelo sr. administrador foi mandado conduzir, sob custodia, a esta villa, na segunda-feira ultima, o sr. Barbosa, irmão do respeitado abbade de Carapeços.

Era accusado de tentar sublevar o povo!

Afinal foi mandado em paz, tendo provado, na administração, que apenas reproduzia o que via publicado nos jornaes, o que fazia, confiando em que tal era permitido, pois do contrario, a auctoridade impediria a circulação d'esses jornaes.

E' um caso como o do Agostinho, chegando-se por este andar á conclusão de que Barcellos é um foco de conspiradores.

Se nós, os thalassas, fossemos revolucionarios, era caso para agradecer estas communicações da auctoridade. Não agradeceremos porque o nosso pensamento, o nosso desejo traduz-se por uma unica palavra, liberal e ordeira: eleições.

Mensagem a El-Rei

A colonia portugueza do Amazonas dirigiu a Sua Magestade El-Rei uma longa mensagem, em que patenteia os seus altos sentimentos patrioticos e a sua muita dedicacão á Monarchia.

Sentimos não poder dar aos nossos leitores a transcripção d'esse documento que, pelos sentimentos que revela, com muito agrado deve ter sido recebida pelo pelo Senhor D. Manuel II.

Liberdade

Foi preso em Braga o estudante do lyceu d'aquella cidade sr. Manoel Antonio da Silva, por ter comettido a crime de reunir em sua casa alguns amigos a fim de com elles combinar a organização de um acto de culto religioso, consagrado á memoria dos desditosos Rei e Principe Real, o Senhor D. Carlos e D. Luiz Philippe.

A liberdade actual nem os mais piadosos actos da religião poupa, ainda mesmo quando praticados a dentro das egrejas.

Seis mais commentarios, porque o Museu da Revolução está aberto.

Incendio

No predio do sr. Agostinho Miranda, em frente á Praça D. Pedro V, houve, quarta-feira, um começo de incendio, provocado, segundo ouvimos, por brinquedos de creanças.

Feito o alarme compareceram os Bombeiros Voluntarios e, como sempre, muitos curiosos, sendo rapidamente extinto. No local tambem compareceu uma força do batalhão aqui aquartelado.

O sr. Leal foi recebido na Santa Casa, com a consideração devida a um grande

As «Radical»

Este nosso collega gasta connosco o seu editorial de quinta feira.

Posto fosse uma «critica», do nosso presado companheiro X a causa de tanto barulho, não resistimos ao desejo de «metter fonce, em sebra alhetas», sendo a fonce, n'este caso, a penna e sendo a sebra as «criticas» e nada sendo «alheiro» porque, apesar de thalassas, somos communistas cá na vida intima, ainda que isso pese ao «Radical» que quer ir sempre na vanguarda.

«Num periodo de verdadeira loucura» deve mostrar... juizo» do nosso jovem e audaz collega.

O tal registo civil em Vianna, feito por padre e testemunhado por padres, deu-nos no góto.

Quando um paiz estabelece o registo civil obrigatorio, levado pelos mesmos motivos e razões que todos os paizes que o adoptaram, motivos e razões conhecidas por qualquer creatura ainda que não possua a cathedra vauade do articulista do «Radical», quando, n'essas condições, apparece o registo civil, elle nada significa de an-reizioso.

Mas n'um paiz em que o registo civil obrigatorio ainda não foi decretado, onde esse registo é pello não por motivos d'ordem social ou juridica, mas como manifestação de sectarismo anti-catholico, o caso é totalmente differente.

Depois de decretado, tornado já lei do paiz, não encontraria algum motivo para reparos o caso de Vianna.

Mas, no actual estado de coisas, em que só usam do registo civil os não catholicos, e em que a Igreja, está tratada não com a imparcialidade de uma liberdade de crenças, mas com o calor sectarista de um anti-catholicismo intolerante e exagerado, é digno e bem digno de reparo o registo civil de nascimento effectuado em Vianna por um padre catholico, tendo por testemunhas dois padres catholicos.

Ora aqui está tudo em pratos limpos, com toda a sinceridade.

Escusava muito bem o «Radical» de vir pôr em duvida a convicções dos outros, com uma levianidade injustificavel, e de empregar certos termos como «estupidez», «malevulo intuito» e quejandos, que quando nos são dirigidos termos por costume devolver, que se não coadunam com a maneira como trata o assumpto, nem tampouco com a correccão de porte, que deseja manter.

Á sorte grande

Até que enfim tambem veio a sorte grande para Barcellos!

Ainda bem que assim foi. Nem tudo há de ser triste e contrariedades. E' necessario que haja um ou outro momento de alegria, e esse tiveram n'ò agora, com certeza, os nossos afortunados patricios que se abiscotaram com o primeiro premio da ultima loteria de Lisboa.

Não lhe publicamos os nomes, porque elles, oram muito capazes de se zangarem com a nossa endiscriçã.

Mas se quizeram que haja ainda mais segred, passemos para cá o bilheteinho premiado que nós iremos receber o premio e, se isso os não contrariar, poderemos tambem guardal-o...

As n'essas sinceras felicitações aos afortunados pa-

Póde lá ser...

Diz o brilhante correspondente do «Janeiro» n'esta villa, em sua carta de 20, a proposito do benemerito cidadão sr. Antonio Lopes Leal, que aqui esteve ha dias:

«O nobre benemerito retirou no comboio correio da tarde para Braga, tendo a despedil-o na «gare» do caminho de ferro os dignos administrador. (o italico é nosso) provedor e vice-provedor da Misericordia, que ao sr. Leal reiteraram as demonstrações do alto apreço em que é tido, pelas nobres qualidades que o impõem á consideração geral.»

O collega tem a certeza de ter visto na gare o sr. administrador?! Não estará enganado? O sr. Barbeitos a cumprimentar e saudar o benemerito ex-mesario!!!

O sr. Barbeitos Pinto que o dissolveu por ter praticado irregularidades que prejudicaram a Santa Casa!!!

Coos!!! Póde lá ser! O brilhante correspondente sonhou com o sr. Barbeitos, é o que foi.

Capellania das Necessidades

O sr. Afonso Costa, ministro da justiça, demittiu, sem mais considerações, o capellão do Real Santuario de N. S.ª das Necessidades o rev. sr. Antonio Ferreira da Silva

Este sacerdote, nomeado legalmente pela irmandade, havia pago os seus direitos de mercê, nada havendo que possa justificar a demissão a não ser... a soberana vontade do sr. ministro da justiça.

Parece que é um caso do «tira-te, para eu me collocar» pois foi immediatamente nomeado um outro ecclesiastico para substituir o rev. Ferreira da Silva.

Sopram-nos aqui do lado, que talvez se trate de uma manobrasita eleitoral, o que não nos admira, a julgar pelo que acusa o nosso collega a «Patria Nova», de Coimbra, fallando-nos de modernos caciques republicanos.

Rasão tinha um republicano no historico quando desilludido, perguntava: Foi para isto?

O nosso jornal

Devido ao nosso fornecedor nos ter faltado com uma remessa de papel, pelo motivo de o não haver no deposito da fabrica, fomos obrigados, bem a pesar nosso, a demorar a publicação do presente numero do «Commercio de Barcellos».

D'esta involuntaria falta pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

S. Braz

E' no proximo domingo que se realisa no pittoresco local de Lavandeiras, em Barcelinhos, a popular romaria de S. Braz, que costuma ser muito concorrida, tanto por pessoas d'esta villa como das freguezias circumvisinhas.

Durante a tarde tocará alli a afamada banda dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa.

Festividade

Na freguezia de Barcelinhos realisa-se hoje uma imponente festividade em honra de S. Sebastião.

Consta á de missa solemne a instrumental e sermão.

De tarde sahirá uma procissão em que se encorporarão lindos grupos de anjinhos e figuras allegoricas.

A musica é a dos Bombeiros Voluntarios.

Fallecimentos

Na sua casa d'esta villa, falleceu, na ultima quarta-feira, o sr. Narciso Alves de Macedo, antigo e honesto negociante n'esta praça.

O finado era um bondoso cidadão, muito estimado pela probidade do seu caracter e exemplar porte social.

Foi, ha, já alguns annos, commerciante n'esta villa, gosando da consideração de toda a classe pela seriedade dos seus negocios.

Militou, no antigo regimen, no partido progressista, sendo devotado amigo do illustre advogado sr. dr. Rodrigo Velloso, no tempo em que este distincto causidico aqui dirigia a politica d'aquelle partido. Foi vereador municipal e exerceu, sempre com dignidade, outros cargos d'eleição.

E' mais um dos velhos negociantes que desce ao tumulo, com a saudade e respeito de todos. Era um fervoroso catholico.

O seu funeral teve lugar hontem, tendo numerosa assistencia.

Paz á sua alma e os nossos cumprimentos de condolencia a familia enlutada.

Na freguezia de S. Claudio de Curvos, concelho de Espozende, falleceu ha dias a sr.ª D. Anna Fernandes de Azevedo, sogra do nosso presado subscriber sr. João do Valle Rosendo.

Os seus funeraes, que tiveram lugar na ultima terça-feira, foram muito concorridos.

Tambem na freguezia de Tregosa, d'este concelho, falleceu o sr. Manuel Gomes Ribeiro Junior, cunhado do rev. abbade d'aquella freguezia.

A's familias enlutadas o nosso pesame.

Para rir

Na segunda pagina de um semanario, 2.ª columna: «Indicamos qual devia ter sido a intenção do legislador, e qual entendiamos que era o espirito do diploma em questão.»

Na 1.ª pagina do mesmo, 1.ª columna:

«O caracter d'uma instituição só póde deduzir-se das suas qualidades intrinsecas, as unicas que lhe dão figura juridica e nunca dos propósitos, ainda que palpaveis, do legislador.»

O sublinhado é nosso.

Resumindo: 2.ª pagina: dissemos isto porque tal era a intenção do legislador.

1.ª pagina: A intenção do legislador, ainda que palpavel, não conta para nada.

Conclusão: Era... não era Andava lavrando...

«Eccos do Minho»

Com esta titulo recebemos o primeiro numero de um bi-semanario independente, que ha dias encetou a sua publicação, em Braga, sob a direcção do sr. Joaquim Antonio Pereira Villela.

Completamente desligada de qualquer partido ou facção politica, o novo collega, vem «combater pela verdade e pela justiça, procurando sempre moralisar, instruir e educar o povo, tornando-o susceptivel de conhecer os seus direitos e os seus deveres, para os poder cumprir dentro da ordem e da liberdade.»

Apresenta-se bem redigido e com a sua parte material muito bem cuidada.

Ao novo collega desejamos longa vida e muitas prosperidades.

Circular

Temos presente uma circular assignada pelo sr. Joaquim Gonçalves da Silva Mattos, Joaquim Vinagre e José Barbosa Ferreira Dias, d'esta villa, participando-nos que, por escriptura publica lavrada na nota do sr. dr. Augusto Mattos, se constituiram em sociedade commercial para exploração do negocio de adubos chemicos, a que, muito intelligentemente se dedicava já o sr. Joaquim Mattos. A nova firma social será Joaquim Mattos & C.ª

A competencia do socio sr. Mattos em tal ramo de commercio, já sobejamente demonstrada, e as qualidades de trabalho que a todos os membros da nova firma distinguem, são a melhor garantia de prosperidade que sinceramente lhes apetece mos. O estabelecimento dos srs. Joaquim Mattos & C.ª, fica instalado na Podra do Couto.

Dia a dia

Fazem annos

H je, o sr. dr. Agres Julio de Lobô Macedo Chaves. Amanhã, a sr.ª D. Theresza das Dôres Faria.

Dia 31, a sr.ª D. Emilia Barrios Lima.

Dia 2, a sr.ª D. Catharina Menorça Antas e Barros e os srs. Visconde de Paço de Nespreira (João) Antonio de Vilhena e Manoel Hoças.

Dia 4, o sr. dr. Rodrigo Velloso.

Estava incommodado com um ataque de gripe e nosso illustre amigo sr. dr. José Gomes de Mattos Graça, distinctissimo clinico, que, felizmente, se encontra já restabelecido.

Com sua ex.ª familia encontra-se ha dias n'esta villa o sr. conselheiro José Noveas, nosso respeitavel patricio e illustre ministro d'Estado Honorario.

Seguiu na sexta-feira para Lisboa, com demora de alguns dias, o sr. José de Bega e Meneses, venerando barcelloense.

Estiveram em Vigo os nossos presados amigos srs. Comendador Coelho Gonçalves, Carlos Ramos e Augusto Mello, que alli foram ver a possante esquadra ingleza ultimamente chegada á linda bahia gallega.

Tambem já regressou a esta villa da sua excurção a Vigo e S. Thiago de Compostella o nosso presadissimo amigo e collega sr. Luis Ferras.

Com sua ex.ª esposa esteve n'esta villa o distincto engenheiro o nosso amigo sr. dr. João Teixeira da Silva.

Esteve na Povoá do Varzim o abalizado orador sagrado rev. sr. Alexandrino José Leituga, digno abbade de Santa Maria de Abbade do Neiva.

Regressou a Amarante o nosso distincto conterraneo e amigo sr. Conde de Villas Boas, antigo administrador d'este concelho.

Vimos ha dias n'esta villa o sr. Visconde da Barrosa, de Vianna do Castelo.

Tambem esteve em Barcellos com sua ex.ª filha o sr. José d'Azevedo e Mezeses, da illustre casa do Vinhal, Fumalicão.

Vão um pouco melhor dos seus incommodos o sr. dr. Paulino do Valle e sua ex.ª esposa, o que sinceramente esti namos.

«Fá lá n'esta»... o esti-

mao negociante do Porto e nosso amigo e patricio sr. José Duarte de Sousa.

Estiveram em Braga os srs. drs. José Belleza dos Santos, Miguel Fonseca e tenente Barbeitos Pinto.

Tambem alli esteve o nosso amigo sr. Manuel Augusto Passos.

Esteve um pouco incommodado com a gripe o nosso respeitavel amigo sr. Manoel José Ferreira Ramos.

Do solar da Ferveença, onde se encontra com sua ex.ª familia, vão passar alguns dias a esta villa, o nosso presadissimo amigo sr. Visconde da Ferveença.

Vimos ha dias em Barcellos o sr. dr. Carlos d'Almeida Braga, talentoso advogado de Braga.

Tambem aqui vimos o sr. dr. Joaquim Alcares da Silva, conservador em Mondim de Basto.

Esteve hontem n'esta villa o nosso estimavel amigo rev. sr. José Candido de Carvalho, digno abbade de Corrilhã, Ponte do Lima.

Esteve doente dos com um forte ataque de gripe o nosso collega do «Barcellos», sr. Joaquim José d'Araujo.

Annuncios

CASA

Vende-se a que pertenceu ao fallecido Anto-

Adubações sensatas

Um nosso freguez do concelho de Marco de Canavezes, diz nos o seguinte em 21 de setembro de 1910:

Vou começar as vindimas. A vinha em contraste com o que se vê por toda a parte, apresenta um aspecto soborbo. Devo ter mais um terço de vinho do que no anno findo.

Este freguez costuma empregar os seguintes adubos: Cal Azotada, Phosphato Thomaz, Kainite, Chloreto e Sulfato de Potassio. Compre-nos accentuar que a Cal Azotada é o adubo azotado mais conveniente para os terrenos do concelho de Barcellos e concelhos circumvisinhos e a prova é que os resultados obtidos com a Cal Azotada têm sido verdadeiramente surprehendedentes.

Empregar por cada hectare de terreno: 200 kilos de Cal Azota 300 » de Phosphato Thomaz e 100 a 150 » Chloreto ou Sulfato de Patassio, para se obterem bons resultados culturais.

Entretanto para ter a maxima garantia possivel de boa colheita, enviar amostras de terra e esclarecimentos a

O. HEROLD & C.ª

proprietarios da marca registada para adubos

TREVO DE 4 FOLHAS

Lisboa, rua da Prata, 14

Porto, rua da Nova Alfandega, 22

ou ao nosso correspondente em Barcellos o sr.

Joaquim Gonçalves da Silva Mattos

Milho e batata

ADUBOS COMPLETOS PARA ESTLS CULTURAS

Formulas em harmonia com

a composição das terra

Enviar amostras das terras para a

Delegação da Companhia União Fabril

Rua Mousinho da Silveira—257.

PORTO

formações e analyses absolutamente gtsi

nio da Costa Nascimento, na rua Emygdio Navarro, em Barcelinhos.

Fallar com Caetano de Macedo de Faria Gajo, na mesma rua.

Banco de Barcellos

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Por ordem do ex.ª presidente da assemblêa geral, são convidados todos os srs. accionistas do Banco de Barcellos a reunir em assemblêa geral ordinaria, no dia 15 de fevereiro proximo, pelas 11 horas da manhã, na casa do Banco, para os fins designados no artigo 37 e § 1.º dos estatutos.

Barcellos, 18 de janeiro de 1911.

O secret rio da assemblêa geral, Antonio Justiniano da Silva

Casa

Aluga-se na Rua Faria Barbosa n.º 23.

Para ver e tratar fallar com Antonio Pereira da Costa em casa do Conde de Villas-Boas.

LOJA DO POVO

-DE-

João de Sousa

RUA D. ANTONIO BARROSO BARCELLOS

SEMPRE:

Magnifico sortido de flannels pretas, piquets, diagonaes e casimiras de cor, para fatos de sobrecasaca, casaca frak e palletot.

Brica colleção de phantasias para vestidos, etc.
laurellas, chitas, morins, pannos erus, riscados, etc., etc.
Completo sortido de miudezas e tecidos para ferros

em compre sem ver o sortido d'est casa, que tem por lema:

Vender barato para vender muito.

PHARMACIA DA SANTA E REAL CASA DA MISERICORDIA DE BARCELLOS

Edificio do Hospital

Director—Abelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

—Esmerado sortimento de todos os artigos que guarnecem uma boa pharmacia. Agencia de seguros.

Companhia de Seguros

— «Fraternidade» —

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital—200:000\$000 reis

Setimo anno de bonnus aos srs. segurados

Est accompanhia effectua seguros maritimos e terrestres a preços rasoaveis. Tem agentes em todas as localidades da provincia do Minho.

Sede em Braga.

Agente em Barcellos.

Eduardo Illydio Vieira Ramos

Adubações accomodadas ás culturas

Alem de marcas feitas para muitas culturas existem á venda das melhores casas de Lisboa os «componentes» de todas as adubações appropriadas ás diversas culturas:

- Nitrato de sodio
- Sulfato de amonico
- Superphosphates de cal
- Phosphato Thomaz
- Chloreto de potassio
- Sulfato de potassio
- Cassio, etc. etc. etc.

Ha sempre o maximo escriptulo na preparação dos adubos encomendados para que os seus efeitos sejam seguros.

Prestam-se esclarecimentos quando sejam precisos ou exigidos para a applicação d'estes mesmos adubos.

Pedidos a

JOAQUIM GONÇALVES DA SILVA MATTOZ

Aferidor e medidor official da Camara Municipal de Barcellos

RUA FARIA BARBOSA, 49

Todos os adubos consumidos nos ultimos dois annos —por signal com extraordinarios resultados—tem sido fornecidos exclusivamente pela importante e acreditadissima Casa Herold & C.ª de Lisboa.

Pharmacia e Drogaria

CARLOS MARIA VIEIRA RAMOS

Pharmaceutico

Rua Barjona de Freitas—Barcellos

Serviço permanente

Deposito de productos chimicos e pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros—Aguas mineraes—Algalias—Fundas—Seringas—Irrigadores—Thermometros—Muitas outras especialidades.

Completos sortidos de tintas, oleos, alvuidos, vernizes, pincéis, etc.—Medicadade a preços.—Pulverisadores dos melhores acôr.

O „MUNDO ELEGANTE“
Illustração Universal

DIRECTOR—A. de SOUSA

Magnifica publicação de litteratura e modas

Edição completa ou dois numeros por mez, sendo um consagrado a modas e musica e outro a litteratura, bellas artes, theatro viagens, etc.

Redacção e administração Paris Rue Bergere, 30-bis

Encyclopedia das Familias

Revista illustrada de instrucção e recreio

A encyclopedia mais util e economica que se publica em Portugal. Cada anno de 12 numeros,—800 reis, numero avulso, 100 reis. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor Manoel Lucas Torres, rua Diario de Noticias, 93—Lisboa.

A MODA ILLUSTRADA

Jornal das familias

Publicação semanal

Directora—D. Leonor Malgonado

Explendido jornal de modas contendo, em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéus, toilettes, phantasias e confeções tanto para senhoras como para crianças.

Moldes cortados em tamanho natural.

Cada numero «Moda Illustrada» é accompanhada de um numero

do «Petit Echo de la Broderia», jornal especial de bordados em todos os generos.

80 e 100 reis por semana no acto da entrega.

Assigna-se em todas as livrarias e na do edito Antiga casa Bertrand—José Bastos

Rua Garrett, 75 LISBOA.

ANTIGA CASA MARQUES

SUCCESSOR

Manoel Joaquim Coelho Gonçalves

Rua D. Antonio Barroso—(Antiga Rua Direita)—BARCELLOS—

Completo sortido de ferragens nacionaes e estrangeiras. Ferro T e urame para ramadas. Arcos de ferro para vasilhas. Camas de ferro, lavatorios e colchões. Carboneto, tintas e vidros. Sulfacto de cobre e enx. fre.

Pulverisadores de todos os systemas Ferro e go de todas as dimensões, para ferreiros. Carvão de forja. Legitimos «Gobel» e «Vermorel». Banius e demais accessorios. Ferragens completas para limpadores, arados e esmagadores. Arados charruas de ferro. Bicos e parafusos para as mesmas. Charruas e bombas aos preços da fabrica. Agente das celebres bombas de pressão «Klein» prensas para espremer bagaço, systema «Mabbili» outros. Cofres á prova de fogo. Preços modicos. Qualidade garantida.

Aguas de S. Vicente—(Entre-os-Rios)

E' poderosa á sua acção nas affecções chronicas dos orgãos respiratorios, estomago, figado, intestinos, aparelho urinario e pelle.

Esta estancia e Grande Hotel de S. Vicente abertas de 24 de maio a 15 de outubro.

Deposito em Barcellos

Pharmacia

Carlos Maria Vieira Ramos

«O Commercio de Barcellos»
SEMANARIO MONARCHICO

Redacção, administração e typographia:

Rua D. Lisboa Barroso, 43

ASSIGNATURAS:

[Pagamento adeantado]

Barcellos:	trimestre.....	300 reis
	semestre.....	600 »
No Paiz	trimestre.....	360 »
	semestre.....	720 »
Brazil	anno.....	2\$400 »

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha....	30 reis.
Repetição.....	20 »
Communicados, linha.....	40 »

—Os srs. assignantes teem 25 % d'abatimento.

—Annuncios litterarios, gratis, mediante um exemplar á redacção.

—Annuncios-reclame annuaes, contracto especial.

Grandes armazens de fazendas

—de—

Aurelio Ramos

O mais importante estabelecimento do Minho e que mais barato vende.

Largo da Porta Nova e Rua Barjona de Freitas—Barcellos

TUDO MAIS BARATO

Do que em parte alguma

Ninguem compre nada sem ver os novos preços, com desenhos Casa de mais de 100:000 artigos - Freire-Gravador, grandes reduções em tudo.



Peçam gratis o novo catalogo geral n.º 3 que acaba de ser publicado. que deve existir em todas as casas, consta de Talheres, Carimbos Ferragens, Papelaria e prensa de copiar. Livros em branco. Colleiras, navalhas de barba e todos os artigos de barbeiro, aneis, agua de pintar o cabelo, numeradores, typographias portateis, letras e chapas esmaltadas, foga

gareiros a petroleo e alcool, filtros, balanças, fogões pare quarto, machinas de manteiga, carne e amendoa, ferros de frisar, carteiras, mallinhas e monogrammas em prata, dourador em casa, ganchos para roupa, lacre, ferros para selar a chumbo, candieiros, ratoeiras, barbeiro em casa, binoculos, canetas com tinta permanente, moinhos para café, sobonete de tirar nodos, crepons, esporas, sellos em branco, aparelhos de gymnastica, campainhas, galheteiros, machinas para cortar cabelo, brinquedos, facturas, bilhees salões, rotulos a cores, retratos a crayon — Tudo completo e completas de todos os artigos do genero, com officinas, fabricas diversas, premiado com 3 medalhas de ouro, FREIRE-Gravador, Rua de Ouro, 158 a 164— LISBOA

BIBLIOTHECA DE EDUCACÃO NACIONAL

AS MENTIRAS CONVENCIONAES

DA NOSSA CIVILISAÇÃO

Por Max Nordau

Traducção de Agostinho Fortes

Traducção mensal de elegantes volumes de duzentas paginas pela insignificante quantia de 200 reis em brochura, e 300 reis encadernado!!! Por tão insignificante quantia não se instrue quem não quer!

Condições d'assignatura, (pagamento adeantado por valle do correio ou em estampilhas postaes, por carta registada), franco de porte:

Anno, 12 volumes, brochado.....	2\$400
Meio anno, 6 volumes »	1\$200
Avulso.....	200

Anno, 12 volumes, encadernado.....	3\$600
Meio anno, 6 volumes, »	1\$800
Avulso.....	300

A venda em todas as livrarias, correspondentes de provincia e no editor—ABEL ALMEIDA.

Rua do Alecrim, 80 82—Lisboa.